

Entrevista a Ernestino Maravalhas



Ernestino Maravalhas, um dos nossos atuais estudiosos de lepidópteros, fala-nos do seu trabalho ao longo dos anos e dos seus projetos futuros nesse campo. Com mais de 40 anos dedicados ao estudo das borboletas, Ernestino tem já publicadas várias obras (outras a caminho) das quais destacamos o livro *As Borboletas de Portugal*, livro de consulta obrigatória para quem deseja conhecer as borboletas diurnas do nosso país.



REBN: Como e quando se interessou pelo estudo das borboletas?

EM: Quanto tinha oito anos, a minha mãe apanhou uma borboleta cauda-de-andorinha (*Papilio machaon*) e deu-me para a mão. Recordo-me do dia, era uma soalheira tarde de sábado e o inseto voava num campo florido junto a casa, em Matosinhos. Fiquei maravilhado com o tamanho e o colorido da borboleta. Penso que esse foi o primeiro deslumbramento, mas era criança e limitei-me a observar as borboletas e os tira-olhos (libélulas) no quintal do bairrinho onde morava. Aos 13 anos, visitei a Estação Agronómica de Angola (em Nova Lisboa, atual Huambo), onde vi a primeira coleção de insetos, organizada pela equipa do Eng.º José Passos de Carvalho (que continuou o estudo dos lepidópteros a partir da Estação Agronómica Nacional, em Oeiras) e aí fiquei verdadeiramente maravilhado com a diversidade, tamanho e colorido das borboletas africanas. Em Luanda, comecei a apanhar borboletas com um saco amarrado a um toco de vassoura, tendo recolhido alguns indivíduos, que guardei no interior de livros e que se perderam. Como não havia literatura, nem sabia o que fazer, abandonei a captura e não cheguei a estudar a fauna daquela região.

REBN: Que trabalho tem desenvolvido, ao longo dos anos, no âmbito das borboletas?

EM: Desde junho de 1977 que me dedico à observação de borboletas de Portugal, o foco principal era a biogeografia e nessa ocasião criei uma base de dados das borboletas de Portugal. No início, a ânsia era descobrir espécies que nunca tinham sido encontradas no nosso país e para tal fiz várias expedições entomológicas ao nordeste, sobretudo às serras de Montesinho e de Nogueira (Bragança), onde encontrei espécies que nunca haviam sido registadas por cá: *Brenthis daphne*, *Brenthis hecate*, *Brenthis ino*, *Pyrgus alveus*, *Aricia eumedon* e *Melitaea diamina*. A última “novidade” foi a *Pyrgus serratulae*, que encontrei na Lama Grande (Montesinho) em junho de 2004, que é virtualmente a borboleta mais localizada de Portugal e eventualmente uma das que poderá sofrer mais com as alterações climáticas, dada a reduzida distribuição e o facto de ser exclusiva de prados subalpinos com elevado teor de humidade.

Em 1992 redescobri a Maculínea (*Phengaris alcon*) em Lamas de Olo (Vila Real), tendo na ocasião estudado a biologia e ecologia da espécie com a Irma Wynhoff, especialista que veio propositadamente da Holanda. O trabalho de pesquisa, que contou com o apoio dos técnicos do Parque Natural do Alvão, permitiu conhecer novas localizações e foi a rampa de lançamento para projetos posteriores, como um filme para a RTP2 sobre a espécie e os projetos de divulgação da biodiversidade que a Câmara Municipal de Vila Real implementou.

Entrevista a Ernestino Maravalhas



Em 2004, com outros investigadores, fundei o TAGIS – Centro de Conservação das Borboletas de Portugal, tendo-se dado ênfase à divulgação das borboletas e de outros insetos, com relevo para as exposições Borboletas Através do Tempo, Insetos em Ordem e Estações da Biodiversidade, para referir os principais.

O aparecimento das ferramentas digitais permitiu a criação de grupos de ciência-cidadã que têm sido uma ajuda muito significativa, tendo-se ampliado o conhecimento das borboletas, sobretudo a sua distribuição e época de voo. Neste momento há centenas, senão milhares, de pessoas espalhadas pelo país, que vão colocando informação em grupos do Facebook e em plataformas dedicadas, das quais destaco o Biodiversity 4 All.

Desde o ano passado que resido em permanência no Barroso (concelhos de Montalegre e Boticas), um dos últimos paraísos de Portugal, onde a biodiversidade é elevada, se encontra bem conservada, mas está em risco, sobretudo devido a projetos de mineração de elevado impacto. Com o apoio de instituições locais estou a trabalhar para a implementação de um projeto de inventariação e monitorização da biodiversidade da região, com vista à sua preservação a longo termo.



Imagens: (1) Lançamento do guia ANFÍBIOS E RÉPTEIS DE PORTUGAL, Parque Biológico de Gaia; (2) Palestra e sessão de borboletas noturnas, Mosteiro de Tibães (Braga); (3) Sessão de amostragem de borboletas noturnas, Fundação de Serralves.

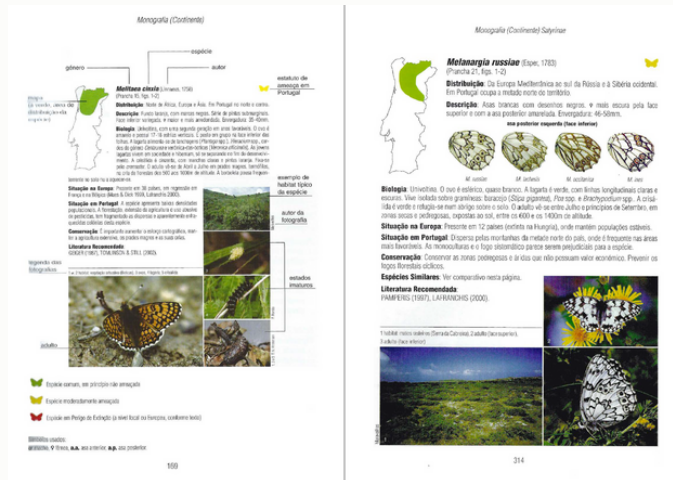
REBN: Foi autor e editor do livro «Borboletas de Portugal» que popularizou bastante, por volta do ano 2003, as espécies do nosso património natural. Como surgiu essa ideia?

EM: Quando comecei a observar borboletas em Portugal (continente), não havia nenhum guia de campo que tratasse exclusivamente a nossa fauna. Existiam guias europeus que ilustravam todas as espécies do continente, sendo que era difícil identificar os bichos e o manuseamento dos guias era difícil para um principiante. Em 1996, um grupo de amigos que veio a fundar a Vento Norte – Associação de Defesa do Ambiente e Ocupação dos Tempos Livres desafiou-me a pôr em prática a edição do guia. O Eng.º Filinto Trigo tem sido o principal impulsionador, motivando e auxiliando na obtenção de apoios para a edição daquele e doutros guias, publicados e em preparação. O guia das borboletas pretendia ilustrar as borboletas através de fotos de qualidade (bichos fotografados na Natureza e exemplares museológicos) e ao mesmo tempo disponibilizar comparativos que ajudassem a separar as espécies próximas. Para além disso, tive o cuidado de convidar os especialistas do momento, que adicionaram capítulos muito importantes, como a Sistemática, Genética, Monitorização, Climatologia, Botânica, etc. Como o livro era o primeiro guia comercial sobre insetos de Portugal, fez todo o sentido completar a monografia com aquela informação.

Entrevista a Ernestino Maravalhas



Imagens do livro *As Borboletas de Portugal*



REBN: Está em vista alguma reedição, uma vez que, entretanto, houve várias atualizações?

EM: Em termos gerais, o guia continua atual, faltando obviamente a espécie que foi descoberta após a sua edição, bem como a atualização da distribuição de muitas outras, a par da revisão do estatuto de ameaça então proposto, que mudou com o aumento do conhecimento sobre a distribuição e abundância das borboletas. Neste momento estou a preparar um guia ibérico e ainda um livro de bolso (fauna de Portugal), cujo foco principal é a identificação e, por isso, integram comparativos, detalhes de asas, etc. Em novembro dei corpo a uma ideia antiga, que é a produção de nano-guias, sendo que o primeiro será de borboletas diurnas. A intenção é produzir um guia compacto (10x15cms), com um preço simbólico, que contenha fotos das borboletas na Natureza, completadas com exemplares de museu em tamanho natural. Para além disso, o guia inclui mapas atualizados e praticamente não terá texto, apenas símbolos, que irão permitir a universalidade, visto que poderá ser usado por crianças e por Naturalistas que venham de qualquer parte do mundo. É uma experiência interessante e o meu neto, Alexandre Ricardo, está a trabalhar comigo nesse projeto. Há anos que ele me acompanha no campo, quando faço saídas entomológicas e é um grande aficionado dos insetos.

REBN: Que comentário faz ao surgimento da Rede de Estações de Borboletas Noturnas?

EM: As borboletas noturnas são as “mal-amadas” da ordem Lepidoptera, por voarem de noite e serem menos fáceis de observar, por serem muito numerosas, muitas delas terem padrões pouco coloridos e por não haver literatura nacional para as identificar. Por tudo isto, a Rede de Estações de Borboletas Noturnas é um ponto de viragem na observação das nossas borboletas, que tem estado centrada nos ropalóceros. Vou dar o apoio que puder ao projeto, porque ele vem ajudar a preencher uma lacuna muito grande, que é a falta de dados sobre os heteróceros de Portugal.

REBN: Há alguma espécie de borboleta noturna em especial que o tenha impressionado mais?

EM: São muitas as espécies que me impressionaram, desde a gigante *Saturnia pyri*, até aos nanolepidópteros, cuja envergadura é inferior a um centímetro.

Entrevista a Ernestino Maravalhas



Há uma espécie, *Arctia caja*, cujo aparecimento em Matosinhos (freguesia de Lavra) em 1977 causou muita estranheza aos entomólogos de então – Timóteo Gonçalves e o Padre Teodoro Monteiro – que tiveram dificuldade em aceitar que eu tivesse encontrado a espécie à beira-mar, pois a mesma era considerada uma borboleta de montanha, sendo conhecida apenas da região de Montalegre.



Arctia caja

Aqueles especialistas rapidamente perceberam que havia muito trabalho a fazer no domínio das borboletas noturnas. A prova é que, volvidos 44 anos, a corologia da espécie está melhor estabelecida e a mesma é frequente na metade norte de Portugal, do litoral ao interior. Esta informação beneficiou da criação, pelo Tagis, das Estações da Biodiversidade e ainda pela ciência-cidadã.

REBN: Quais os planos para o futuro, agora que se reformou?

EM: Uma vez que vivo nas montanhas do Barroso, o trabalho de campo irá focar-se nessa região, onde deverão existir cerca de 1500 das cerca de 2600 espécies de borboletas inventariadas em Portugal. O trabalho de inventariação das borboletas diurnas está muito adiantado, mas há muito trabalho de campo a fazer no que às borboletas noturnas concerne. Daí que o projeto da Rede de Noturnas seja tão importante.

Paralelamente ao trabalho de campo, cujo foco será sempre a obtenção de dados que permitam avaliar e monitorizar o estado dos ecossistemas e das populações de borboletas (e de outros grupos faunísticos), continuarei a desenvolver guias sobre a biodiversidade, destacando alguns guias de borboletas, um de libélulas e ainda guias de aves de Portugal e um da Biodiversidade Ribeirinha de Portugal Continental, que está em fase de conclusão. A Biodiversidade tem os seus ciclos, dinâmica própria e é preciso trabalhar ao longo do tempo para dispor de dados fiáveis e atualizados. Por tudo isto, é vital conseguir sangue novo para a investigação.



Imagens: cedidas por Ernestino Maravalhas.